

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**A ORDEM DE CULTO EM CORINTO LÍNGUAS E PROFECIAS – UMA ANÁLISE
EXEGETICA DE 1CO 14.26-33a.**

FRANCISCO CARDOSO DE ARAÚJO JÚNIOR

SÃO PAULO

2022

FRANCISCO CARDOSO DE ARAÚJO JÚNIOR

**A ORDEM DE CULTO EM CORINTO LÍNGUAS E PROFECIAS – UMA ANÁLISE
EXEGETICA DE 1CO 14.26-33a.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de São
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Machado.

São Paulo

2022

Araújo Júnior, Francisco Cardoso de

A ordem de culto em Corinto línguas e profecias : uma análise exegética de 1Co 14:26-33a. / Francisco Cardoso de Araújo Júnior. – São Paulo : Faculdade Teológica Batista, 2022

49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Bacharel em Teologia

Orientador: Jonas Machado

1 Bíblia. N. T. – 1 Coríntios – Criticismo, interpretação, etc. 2 Culto cristão – Igreja em Corinto – Análise exegética.. 3. Adoração. 4. Dom de línguas. 5. Profecias. I. Título. II. Machado, Jonas..

CDD 227.206

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Francisco Cardoso de Araújo Júnior

**A ORDEM DE CULTO EM CORINTO LÍNGUAS E PROFECIAS – UMA ANÁLISE
EXEGETICA DE 1CO 14.26-33a.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jonas Machado – Orientador

Prof. Me. Marcos de Almeida – Leitor

Prof. Me. Efstathios Tsotsos.– Leitor

SÃO PAULO

2022

DEDICATÓRIA

Dedico ao Deus da minha vida, tudo o que sou e o que vier a ser. Que toda honra glória e louvor seja dada ao eterno Deus.

À minha família. A minha amada esposa Izabel de Araújo. Aos meus pais, Francisco Araújo, e em especial a minha mãe Rizonete do Nascimento, que sempre lutou para que eu pudesse estar nos caminhos de Jesus. E também aos meus irmãos José Francisco e Maria Fernanda, pois sempre me incentivaram a seguir em frente.

À Faculdade Batista Teológica de São Paulo, a Igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém – setor 34, em especial a congregação da Vila Sônia, assim como também a Igreja central de Santo Amaro, pois estas me deram a honra de poder atuar e colocar a minha piedade e pratica em ação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua infinita graça e misericórdia sobre a minha vida, sem ele não teria chegado até aqui. Concluo este curso dizendo: “ foi puramente a graça de Deus que me ajudou. Só por graça, mediante a fé em Jesus.

A minha querida esposa, que esteve me esperando todas as noites com o mesmo amor e mesmo carinho desde o primeiro dia de curso. A minha mãe e aos meus sogros que sempre me apoiaram para que eu pudesse estudar. A meus irmãos e familiares que sempre estiveram ao meu lado.

À Igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém – Vila Sônia, na pessoa do pastor Javã Ferreira e Pastor Cícero Barbosa, assim como a igreja Batista Central de Santo Amaro, na pessoa do Pastor Jairo Ribeiro, que me apoiaram permitindo que eu pudesse atuar junto ao corpo de Cristo servindo a Igreja, e também com toda compreensão e empatia neste período.

Ao professor, Jonas Machado por todo apoio, empatia e amizade, mas também pelo seu esforço, paciência e dedicação para comigo, me orientando na execução deste trabalho.

Aos alunos da classe que esteve ao meu lado nesta caminhada, em especial Verdi Monteiro, Davi Araújo e Nicholas Bié, entre outros. Orgulho de ter caminhado e aprendido com vocês.

Finalizando, agradeço à Faculdade Teológica Batista de São Paulo, por me conceder durante alguns semestre bolsas de estudo para a conclusão deste curso. A todos professores pelo apoio, empatia e o relacionamento amigável e repetoso. A toda direção e funcionários que também fizeram parte desta história. A todos vocês, o meu muito obrigado.

Conselho de Paulo é: faça tudo com decência e ordem, “pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz”.

(1Co 14.33).

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa acerca da solução dada por Paulo à igreja de Corinto na perícopa de 1Co 14.26-33a, no que diz respeito a ordem do seu culto. Para realizar a análise desta passagem, foi necessário um levantamento histórico da cidade de Corinto, da igreja e da experiência carismática nesse contexto, assim como também questões introdutórias relacionadas à cidade de Corinto bem como às origens da igreja a fim de compreender a inserção contextual da perícopa. Por meio de pesquisa bibliográfica, abrangendo grande quantidade de material sobre o Novo Testamento, estudos específicos sobre Corinto, comentários bíblicos e léxicos. A ordem do culto, o dom de línguas e o dom de profecia são as principais questões que a pesquisa destacará.

Palavras-chave: Culto; Línguas; Profecia; Ordem;

LISTA DE ABREVIATURAS

Gn	Gênesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cantares de Salomão
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronômio	Lm	Lamentações de Jeremias
Js	Juízes	Ez	Ezequiel
Jz	Josué	Dn	Daniel
Rt	Rute	Os	Oseias
1Sm	1 Samuel	Jl	Joel
2Sm	2 Samuel	Am	Amós
1Rs	1 Reis	Ob	Obadias
2Rs	2 Reis	Jn	Jonas
1Cr	1 Crônicas	Mq	Miqueias
2Cr	2 Crônicas	Na	Naum
Ed	Esdras	Hc	Habacuque
Ne	Neemias	Sf	Sofonias
Et	Ester	Ag	Ageu
Jó	Jó	Zc	Zacarias
Sl	Salmos	MI	Malaquias
Pv	Provérbios		
Mt	Mateus	1Tm	1 Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2 Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Atos dos Apóstolos	Hb	Hebreus
Ro	Romanos	Tg	Tiago
1Co	1 Coríntios	1Pe	1 Pedro
2Co	2 Coríntios	2Pe	2 Pedro
Gl	Gálatas	1Jo	1 João
Ef	Efésios	2Jo	2 João
Fp	Filipenses	3Jo	3 João
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1 Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2 Tessalonicenses		
Did	Didaquê	NVI	Nova Versão Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ADORAÇÃO E MODELOS DE CULTO CRISTÃO PRIMITIVO	12
1.1. DEFINIÇÕES DO TERMO CULTO E ADORAÇÃO	12
1.1.1. A igreja adoradora.....	13
1.1.2. Definições do culto cristão	14
1.2. CULTO JUDAICO E CULTO SINAGOGAL	17
1.3. CULTOS EUCARÍSTICOS MAIS ANTIGOS	19
1.4. DIREÇÃO E PRESIDÊNCIA DOS CULTOS	22
2. ANÁLISE CONTEXTUAL DA CARTA AOS CORÍNTIOS	24
2.1. A CIDADE CORINTO	24
2.2. O POVO DE CORINTO.....	26
2.3. CULTURA E RELIGIÃO EM CORINTO	28
2.4. PAULO E A IGREJA DE CORINTO	28
3. EXEGESE DE 1 CO 14.26-33^a	31
3.1. TEXTO NO ORIGINAL GREGO E TRADUÇÃO LITERAL DA PERÍCOPE	31
3.2. COMENTÁRIOS DO TEXTO DE 1CO 14.26-33a	32
3.3. O DOM DE LÍNGUAS EM CORINTO.....	39
3.3.1. Qual era o propósito das línguas na igreja de Corinto?	39
3.4. O DOM DE PROFECIA EM CORINTO	43
3.4.1. Qual era o propósito da profecia na igreja de Corinto?.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa situa-se na área da teologia Bíblica e apoia-se na exegese da perícope de 1Co 14.26-33a. A proposta é responder as seguintes questões: (i). Paulo estava prescrevendo uma solução pontual da ordem de culto público em Corinto, no que diz respeito a utilização dos dons, visando uma orientação mais pública destinada à edificação da igreja? (ii). Qual seria o propósito dos dons de língua e de profecia no culto em Corinto?

O estudo pertence ao campo da exegese neotestamentária, na medida em que seu elemento central é a solução de um problema histórico: o significado de uma determinada passagem da literatura cristã primitiva em relação ao seu contexto. Portanto, o objeto geral de estudo é o cânon do Novo Testamento¹ e o objeto específico é 1Co 14:26-33a. Para realizar um exame científico desse trecho, faz-se necessário um levantamento histórico da cidade de Corinto, da igreja e da experiência carismática naquele contexto.

O corpo do trabalho compõe-se, após a introdução, de um capítulo que aborda os conceitos de adoração e culto cristão, assim como também os respectivos modelos de cultos primitivos e eucarísticos, relacionados aos primeiros séculos. Um segundo capítulo, abordará questões introdutórias relacionadas à cidade de corinto, assim como as origens da igreja, para que se possa compreender a inserção contextual da perícope. Por meio de pesquisa bibliográfica, tomando amplo material sobre Novo Testamento, estudos específicos sobre Corinto, comentários bíblicos e léxicos. No terceiro capítulo, será abordada uma exegese na forma de comentários, onde se detalhará palavras e expressões que representam importantes informações para o desenvolvimento da pesquisa. Será examinado também a questão do uso dos dons de língua e de profecia e seus propósitos no culto em Corinto.

Nas considerações finais, apresentar-se-á as conclusões do trabalho a partir do caminho proposto pela pesquisa, além de possíveis expansões desta, no sentido

¹ No Novo Testamento, Jesus e os apóstolos, concordando com o entendimento judaico, referem-se ao documento da aliança do Antigo Testamento como uma coleção autoritativa, as "Sagradas Escrituras". Isso é o que chamamos de cânon do Antigo Testamento. Mas havia mais por vir. Jesus comissionou seus apóstolos à escreverem documentos adicionais descrevendo suas palavras e ações e lidando com questões na igreja após sua ressurreição e ascensão. Eles escreveram livros e cartas que consideramos o "Novo Testamento" hoje. (Bellingham, WA: Lexham Press, 2018).

de esclarecer o tema para as comunidades religiosas atuais, sobretudo, no que diz respeito a ordem e a utilização dos dons de línguas e profecia no culto público.

1. ADORAÇÃO E MODELOS DE CULTO CRISTÃO PRIMITIVO

Neste capítulo serão abordados aspectos com relação a adoração e os modelos de cultos primitivos. Buscando subsídios conceituais destes para o decorrer da pesquisa.

1.1. DEFINIÇÕES DO TERMO CULTO E ADORAÇÃO

A palavra adoração possui um sentido nobre. Em inglês, “worship” chega a nossa linguagem contemporânea por meio do Anglosaxônico *weorthscipe*. Esta palavra desenvolve-se em *worthship*, logo em seguida em *worship*. O seu significado é “atribuir valor a um objeto” (MARTIN, 1964, p.14).

No Antigo Testamento pode-se ver ecoar esta realidade de várias maneiras através dos Salmos. “Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome” Porque grande é o Senhor e “mui digno de ser louvado”. “Exaltai ao Senhor, nosso Deus, e prostrai-vos ante o seu santo monte”, é o que o salmo 99.9 nos chama a fazer e nos mostra a razão desta convocação à adoração: “porque santo é o SENHOR nosso Deus”. Logo, “Adorar a Deus é atribuir a Ele valor supremo, porque somente Ele é digno” (1964, p.14).

É preciso considerar que não tem por propósito descrever com detalhes os ritos e as cerimônias da adoração no Antigo Testamento e nem tampouco investigar a riqueza vocabular do termo adoração utilizado no mesmo. Todavia, buscar a compreensão de dois termos preeminentes que lançam luz sobre os princípios pressupostos da adoração.

Martin, afirma que o modelo de adoração cristã da igreja primitiva era o culto e devoção da fé judaica, mediante o cumprimento visto na vinda do Messias. Com isso, o primeiro termo que iremos abordar é o *hisahawah* que significa literalmente, “curvar-se”, ou seja, curva-se em humilde reverência e prostração, enfatizando assim a forma correta de um israelita se aproximar da santa presença de Deus (e.g. Gn 27.29; 1 Sm 25.23; 2 Sm 14.33; 24.20; 1964. p.15). O termo grego que traduz esta palavra na septuaginta é *proskunein*, com a mesma implicação de humildade submissa e profundo respeito. O outro termo que a ser mencionado é *‘abodah*, traduz “serviço”.

A sua raiz vem do *'ebed* que traduz “escravo”, “servo” no seu envolvimento na adoração a Deus (e.g. Salmos 116.16); e manifestação da sua alegria em atos públicos e particulares de oração e louvor. Diferente da concepção grega de escravidão ligada ao rebaixamento servil e cativo, o conceito hebraico, contido no termo *'ebed*, expõe a relação entre servo e o seu senhor (e.g. Êxodo 21.1-6; Salmo 89.3,20). Segundo Martin: “... quando os homens se chamavam os *servos de Deus* no sentido religioso, estavam prestando tributo ao relacionamento íntimo e honrado ao qual Deus nos trouxera...” (1964. p.16).

A correspondência no grego para a *'ebed* é a palavra *latreia* “serviço” e à luz do Antigo Testamento, deve-se compreender o uso que Paulo fez desta palavra em Romanos 1.9; 12.1 e 15.16, como também a referência que ele faz em Romanos 9.4, pois ela remete à adoração prestada pelo povo de Israel a Deus. Este versículo nos remete que o privilégio e honra são de a igreja em poder transmitir o Evangelho. Por esse motivo o serviço é uma oferta a Deus (1964, p. 16).

A partir destes dois termos bíblicos, ficamos sabendo alguma coisa acerca da atitude do adorador ao mandamento que Deus dirige a ele. É conclamado à presença do Santo de Israel; e corresponde a esta chamada com um senso apropriado de reverência, mas também com a consciência de que contemplar a face de Deus e ter comunhão com Ele é benção e deleite inestimáveis (MARTIN, 1964. p.16).

Através dessas visões teológicas e significados, será possível seguir. Pois dará o conhecimento básico e necessário para continuar a caminhar no trabalho de pesquisa sobre o culto na igreja de Corinto. A compreensão etimológica de culto e adoração e seus desdobramentos através de pensadores citados acima nos auxilia nas questões que serão abordadas a seguir.

1.1.1. A igreja adoradora

Quando é dito que a igreja é “o povo de Deus”, isso traz consigo a inferência da redenção e do nosso futuro. A igreja foi chamada por Deus, para ser exclusivamente dEle, e assim fomos investidos com alta excelência. Passagens do Novo Testamento, como: “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade... predestinados... a fim de sermos para louvor da sua glória... em quem também vós... tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da

promessa” (Ef 1.4,5;11–13). “Não sois de vós mesmos. Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.” (1Co 6.19–20). “Falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; (1Co 2.7). A explicação destes três versículos, de forma sintética, seria: “Já não pertencemos a nós mesmos; somos povo escolhido d’Ele”. O povo de Deus se remete ao seu Senhor e Criador nas seguintes palavras: “Foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio”. (SI 100.3). Em 1 Pedro 2.9-10, encontramos os vínculos da eleição eterna, da criação física, da redenção de Cristo e da resposta pessoal à chamada do Evangelho, pertencemos a Ele.

Está e apenas parte da história da atividade salvífica de Deus, pois na citação de 1 Pedro 2 devemos considerar não somente vv.9, 10, mas também a seção inteira da epístola do apóstolo. A igreja, segundo ele mostra, é um templo espiritual, construído para a glória de Deus, e para a adoração a Ele (v.5). A igreja é um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo (v.5). A igreja como parceira do Israel antigo dentro da única aliança da graça, existe mediante a chamada do próprio Deus, “a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a maravilhosa luz”. Enfim, Deus conclamou a igreja de Cristo à existência a fim de ser uma comunidade adoradora (1964. p.14).

Estes fatos mencionados acima preparam o pano de fundo para o decorrer do trabalho, pois é a partir de sabermos que a igreja é adoradora, que buscaremos compreender o que é propriamente esta adoração. No próximo capítulo, será apresentado alguns modelos de culto encontrados no culto judaico, no Didaquê e possível modelo que se tem até o terceiro século de nossa era.

1.1.2. Definições do culto cristão

Para que se possa compreender o significado de “culto cristão”, precisa-se priori definir o que a palavra culto expressa. Como apresenta James White: “Não é uma expressão fácil de definir” (WHITE, 1997, p. 11), pois é fácil confundir esse culto genuíno (cristão) com acréscimos culturais modernos, ou então com práticas culturais do cristianismo primevo.

O significado da palavra culto deriva do latim, *cultu*, cujo significado é homenagem ou adoração. Estas ações são devidas, o ponto de vista cristão com relação a Deus. Etimologicamente, o termo latino supradito abrange a raiz *colo* ou *colere*, que mostra além de honrar, o sentido de cultivar (COUTO, 2016, p. 26).

Para que se possa restringir e direcionar um pouco mais a definição de culto cristão, tomam-se duas definições citadas no livro “*Introdução ao culto cristão*”, do James White², lembrando que várias outras definições poderiam ser expostas neste trabalho, todavia, esta não é nossa intenção, como diz o White:

“Cada uma dessas diversas definições é apenas uma estação no trajeto do próprio leitor ou leitora rumo a uma compreensão pessoal do culto cristão. É preciso ficar aberto para descobrir outras definições e chegar a uma compreensão mais profunda das mesmas, à medida que se continua a fazer experiências e refletir sobre o que define o culto cristão” (WHITE, 1997, p. 17).

A primeira delas é a do professor Paul W. Hoon, que enfatiza do princípio ao fim, o caráter central do culto cristão como cristológico, e com isso a análise do significado do culto deve da mesma forma ser essencialmente cristológica. “Tal culto é profundamente encarnacional por ser governado por todo o evento da história da salvação” (WHITE, 1997, p. 14). Isto é, o culto cristão é guiado e vinculado por todo o evento da história salvífica de Jesus Cristo.

Diz Hoon, citado pelo White: “O núcleo do culto cristão é Deus agindo para dar sua vida ao ser humano e para levar o ser humano a participar dessa vida” (WHITE, 1997, p. 14). Ele nos diz mais:

“O culto cristão é a autorrevelação de Deus em Jesus Cristo e a resposta do ser humano, ou uma ação dupla: a ação de ‘Deus para com a alma humana em Jesus Cristo e a ação responsiva do ser humano através de Jesus Cristo’. Por meio de sua Palavra, Deus ‘revela e comunica seu próprio ser ao ser humano’.” (WHITE, 1997, p. 14).

Em resumo, na visão do Hoon, as palavras “revelação” e “resposta” é que são as palavras-chaves que giram em torno do culto cristão. No cerne de ambas se encontra Jesus Cristo, que mostra Deus a nós e, é o meio pelo qual o adorador oferece sua resposta. Ou seja, é uma relação mútua, pois Deus manifesta a iniciativa de dirigir-se ao adorador mediante Jesus Cristo e este reage por meio de Cristo, utilizando uma diversidade de sentimentos, expressões e atos.

A segunda é do teólogo luterano, Peter Brunner, que é bem alinhada com a do Hoon em vários pontos, apesar de expressar-se com termos bem diferentes. Brunner toma o termo alemão designado para culto, *Gottesdienst*, que possui tanto o sentido

² Nas páginas 14 a 17, encontrarão outras definições a respeito do culto cristão. WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

de serviço de Deus aos seres humanos, quanto o de serviço dos seres humanos a Deus (WHITE, 1997, p. 14).

Aproveitando a ambiguidade da palavra *Gottesdienst*, Brunner aborda a “dualidade” do culto. Observa-se nessa dualidade, semelhanças com as concepções do Hoon, no entanto, é necessário ter cuidado, visto que na opinião do Brunner, Deus é atuante em ambas. Diferindo um pouco da perspectiva de Hoon que tem uma relação entre “revelação/Deus” e “resposta/ser humano”. Para Brunner, Deus está sozinho do início ao fim, tornando o culto possível: “A dádiva de Deus evoca a entrega humana a Deus” (WHITE, 1997, p. 15).

White, menciona uma citação que o Brunner faz de Lutero com relação ao culto, e esta diz: “que nele nenhuma outra coisa aconteça exceto que nosso amado Senhor, ele próprio fale a nós por meio de sua santa Palavra que nós, por outro lado, falemos com ele por meio de oração e canto de louvor” (WHITE, 1997, p. 15). A criatura responde as ações divinas de revelação comunicando-se com o Criador através da oração e dos hinos, por meio da submissão dada pelo Espírito Santo. White cita Brunner, que diz: “... a oração é a permissão que Deus dá a seus filhos de juntar suas vozes à discursão das suas questões” (WHITE, 1997, p. 15).

Em resumo a dualidade do culto mencionada por Brunner é coberta por um único foco, que é a ação de Deus em entregar-se a si mesmo nessa relação de culto, incentivando o adorador a respondê-lo por suas dádivas.

Por fim, após compreender que a palavra culto possui etimologicamente o significado de homenagem e adoração, como também pode conotar honra e cultivo. Baseado nestas significações, juntamente com as duas visões mencionadas anteriormente, resume-se que: O culto Cristão é um culto genuinamente cristológico, onde relembra-se a obra redentora de Cristo, trazendo-o sempre ao centro deste. Com isso, cultua-se a Deus por sua iniciativa em justificar o pecador, conforme: Rm 5.1 “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo...”. Ao mesmo tempo, cultua-se a Cristo por este ser o sacrifício proposto do culto: 2 Co 5.15 “E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.15). Como resposta, toda honra e gloria lhe é atribuída. Porque a comunidade cristã lhe presta esta adoração e o que ela propriamente significa, é o objeto do próximo tópico.

1.2. CULTO JUDAICO E CULTO SINAGOGAL

Como sugere Jurgen Roloff no manual de ciência litúrgica editado pelo Christoph diz: “O culto cristão não é uma criação inteiramente nova. Pelo contrário, ele pressupõe o culto judaico, no qual engancha e que, ao mesmo tempo contesta” (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 63). No empenho de diferenciar o cristianismo do judaísmo e acentuá-lo como novidade, se vê no passado uma ruptura por inteiro. Entretanto, novos estudos mostram a relação presente em ambos, tanto em forma como em conteúdo. Encontra-se no culto judaico do tempo de Jesus, dois modelos básicos de culto. Segundo Christoph, estes são: o culto no templo, assim como o culto na sinagoga. Convém observar um pouco mais estes modelos.

O culto no judaico, dava-se unicamente no templo em Jerusalém. Deus prometera que iria fazer o seu nome morar no meio do povo israelita, com isso seria no templo esta moradia. Segundo Eichrodt:

O ‘cultus’ israelita é tanto uma expressão da experiência religiosa em ações concretas realizadas com a congregação no ritual do templo, como também uma expressão genuína da religião viva que penetra toda existência humana (EICHRODT, 1961, p. 98).

Ali havia o espaço para o culto sacrificial, o qual fora estabelecido por Deus, para que o povo tivesse a oportunidade de expiar sua desobediência e transgressões. O Grande Dia da Expição (Lv 16), era o auge do culto no templo, pois a culpa do povo israelita era retirada.

A participação do povo restringia-se, de modo geral, ao pagamento do imposto do templo, que era de meio siclo por ano (Mt 17.24), e às três festas anuais de peregrinação – páscoa, festas das semanas (pentecostes) e festa dos tabernáculos; dessas, principalmente a primeira levava a Jerusalém multidões de peregrinos, predominantemente vindos da diáspora (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 63).

Em paralelo constitui-se, tudo indica que desde o exílio babilônico³ o culto sinagoga, e este regulamentava o cotidiano do povo e proporcionava aos homens israelitas uma cooperação ativa. O culto sinagoga não era um substituto do culto no templo, suspenso momentaneamente. E não era um concorrente do culto do templo

³ Diversas influências podem ter concorrido em seu surgimento: além das “assembleias dos anciões de Judá nas casas da Babilônia” durante o exílio (Ez 8.1; 14.1), foram decerto os cultos populares da época da reforma de Esdras/Neemias (por volta de 400 a.C.) que exercera uma influência decisiva (Ne 9.3) (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 64).

quando ele voltara à sua funcionalidade pós cativo. Segundo CHRISTOPH: “Pelo contrário: os dois se permeavam e se completavam de múltiplas formas. Mesmo os sacerdotes do templo fomentavam o culto sinagoga porque conheciam sua importância para a renovação religiosa do povo” (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 64).

O cerne do culto sinagoga não é um lugar santo. É muito improvável que o edifício da sinagoga tenha um valor teológico. Todavia, a assembleia (*synagōgē*) do povo de Deus, essa sim possui. Através de passagens como Ez 11.16 e Sl 80.19 pode-se observar que Deus estaria da mesma forma próximo ao seu povo, mesmo fora do templo, quando estes se reuniam para orar e estudar a Lei.

Como é possível observar em At 16.13, o culto sinagoga poderia se dá até ao ar livre (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 64). Em tese, todo homem israelita tinha o direito de dirigir uma oração, ler as Escrituras e interpretá-la em forma de pregação (Lc 4.16-30). Segundo CHRISTOPH: “Nesse culto, mesmo o rabino, o escriba formação específica, é, em última análise, apenas *primus inter pares*” (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 64).

Christoph destaca dois elementos que determinavam o culto na sinagoga até o ano 70 d. C. Estes eram a oração e a interpretação das Escrituras. A oração iniciava com o reconhecimento da unicidade de Deus, organizada em três princípios e designada “Ouve, ó Israel” na qual Dt 6.4-9 era ligada a Dt 11.13-21 bem como a Nm 15.37-41.

Ela era emoldurada por ditos de louvor (*barakhôt*), que tinham por objeto a obra criadora de Deus, suas manifestações salvíficas para com os pais quando da saída do Egito, bem como a redenção vindoura. Seguiu-se, então, a oração das 18 preces. Suas distintas preces também estavam formalmente moldadas como ditos de louvor. Podiam acrescentar-se súplicas pessoais, que eram oradas em silêncio (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 64).

A pregação compreendia de leituras da Torá e dos profetas (Lc 4.16-30). As passagens da Torá certamente eram definidas por uma sequência anual previamente determinada. No entanto, na época neotestamentária, a seleção dos textos dos profetas até então era aberta.

Neste ponto podiam seguir-se uma tradução livre da passagem da Torá em hebraico para a língua corrente, o aramaico (*targum*), e uma predica, em regra proferida por um leigo, fazendo referências à perícopa da Torá, mas incluindo alusões à leitura do texto profético (cf. Lc 4.18) (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 64,65).

Em volta desses fragmentos relevantes se reúne várias manifestações de louvor. A mais significativa delas era a *qedusah*. Esta atrelava em um elemento do culto no templo, a proclamação solene do Deus três vezes santo (Is 6.1-4; cf. Ez 1; 3.12; Dn 7.9), e determinava uma conexão próxima entre a comunidade orante e o louvor (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 65).

Na vida de culto judaica, em consonância com seu forte componente laicista, a prática da oração e da celebração nas casas sempre desempenhou um papel preponderante. Nesse tocante, há que se mencionar principalmente a celebração doméstica do sábado, a ceia festiva e, sobretudo, a celebração do *pessach*⁴, para as quais havia ordens litúrgicas fixas, cuja realização cabia ao pai de família. Foi sobretudo essa esfera que influenciou o protocristianismo no desenvolvimento de suas formas de culto (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 65).

1.3. CULTOS EUCARÍSTICOS MAIS ANTIGOS

As ordens mais antigas de culto até o 3º séc. d.C. mostra, como herança do período pós-apostólico, uma grande margem de variabilidade e, juntamente, consonância como visões essenciais.

Uma forma oriental de culto é descrita pela Didaqué⁵, surgida na Síria. Segundo Merrill: “os procedimentos eucarísticos parecem comparativamente primitivos. Embora as especulações tenham oscilado dentro de um período amplo, desde 50 d.C. até o 3º séc., a data mais provável parece ser entre 70-100 d.C.”⁶. Normalmente a Didaqué pode ser dividida desta forma:

- Capítulos 1-6: discutem os Dois Caminhos - o modo de vida e o modo de morte - e as implicações éticas e práticas dessa teologia.
- Capítulo 7: oferece instruções específicas para a prática do batismo. O documento prescreve o batismo trino (batismo em nome do Pai, do Filho e do

⁴ Páscoa (קִּיּוּץ, *pischa* ; פֶּסַח, *pesach*; Πάσχα, *Pascha*). Uma observância sagrada no judaísmo que comemora o clímax da 10ª praga no livro do Êxodo, quando Yahweh pune o Egito matando todos os primogênitos, mas “passa” (פֶּסַח, *pasach*) pelos primogênitos de Israel (Êx 12:12–13), resultando na libertação dos israelitas da escravidão no Egito (Êx 12:14–17). Mangum, Douglas. “Passover”. ed. John D. Barry, Dicionário Bíblico Lexham. (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020).

⁵ O Didaqué, também conhecido como “O Ensino dos Doze Apóstolos”, é um dos primeiros documentos que detalha as práticas de adoração da igreja primitiva. Ele detalha várias práticas de culto, sendo a Eucaristia a mais importante (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 77).

⁶ Para mais informações sobre o Didaqué, consulte: Padres Apostólicos. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué. 1 ed. Editora Paulus: São Paulo, 1995, p. 335-359. Como também: MERRIL, 2008, p. 164-166.

Espírito Santo) em água fria e corrente; o participante do batismo jejua de um a dois dias antes.

- Capítulo 8: prescreve a oração do Pai Nosso (Mateus 6:2-4) três vezes ao dia.
- Capítulos 9-10: prescrevem uma liturgia eucarística, completa com orações elaboradas sobre os elementos do vinho e do pão. A liturgia eucarística parece ser um assunto comemorativo, com ênfase na ação de graças e na adoração. O capítulo dez começa com uma oração de ação de graças pós-eucarística, embora os líderes tenham flexibilidade em relação a como preferem agradecer (BELLINGHAM, WA: Lexham Press, 2020).
- Capítulos de 11-15: Instruções para Oficiais e Condução das atividades congregacionais.
- Capítulo 16: Escatologia.

Nesta, a eucaristia vem logo depois de uma *ágape*⁷. A Didaquê em seu capítulo 9 traz as orações de mesa para a *ágape*, ao passo que o Didaquê 10.1-6 descreve as orações que sucedem a eucaristia. Segundo Christoph, citando o Lietzmann, Kretschmar e Meyer, diz: “Essa oração eucarística ainda revela claramente, na linguagem e na forma, a proximidade com a ceia festiva judaica” (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 77).

Seus três bênçãos se apoiam estreitamente na *birkat ha-mazôn*: a) agradecimento pelos bens salvíficos concedidos por Deus (v.2)⁸; b) agradecimento pelas dádivas da criação e súplica pela conceção de alimento espiritual e bebida espiritual pelo amor de Jesus (vv.3s)⁹; c) súplica pelo cumprimento da promessa divina à sua igreja (v.5)” (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 77).

Nesta ocasião o momento anamnésico é frequentemente moldurado pelo louvor, sendo assim (b) a breve anamnese¹⁰ de Jesus (“por Jesus, teu servo”) se

⁷ A ceia do Senhor ou comunhão também é chamada no NT original de “ágape”, que significa “festa de amor”. E essa porção, na maioria do mundo cristão, estava destinada a ser a única coisa que sobrevivia à festa de um ritual antes tão elaborado. Essa palavra “ágape” é usada por comentaristas com alusão tanto à festa maior como à própria Ceia. No entanto, se aplica mais diretamente a festa ou banquete do que mesmo à comemoração da Ceia, que só se verificava após a refeição comum. (CHAMPLIN, 2014, p. 226).

⁸ Did 10.2 – “Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo Nome, que fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti glória para sempre” (DIDAQUÊ, 1995, p. 354).

⁹ Did 10.3s – “... A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais, e uma vida eterna por meio do teu servo” (DIDAQUÊ, 1995, p. 354).

¹⁰ Simulação do orador que parece lembra-se de coisas que teria esquecido, chamando, assim, atenção sobre elas; Liturgia na missa, oração que se diz após a elevação e que celebra a paixão, a ressurreição e a ascensão do Redentor (HOUAISS, 2009, p. 126).

segue à anamnese muito mais abundante da obra da criação do que propriamente a morte de Cristo, como mostra o Didaquê 10.3: “*Tu, Senhor Todo-poderoso, criaste todas as coisas para a glória e teu nome, e para gozo deste alimento e bebida aos filhos dos homens [...]*” (DIDAQUÊ, 1995, p. 354). Fechando com parte escatológica, a exclamação do Maranata em uma forma de apelo àqueles que não são fiéis (v.6)¹¹. Diante de tudo, a morte de Jesus não é referida claramente.

O formulário litúrgico também não dá espaço a uma recitação das palavras de instituição. Pois a anamnese sobre Cristo, encontra-se introduzida no louvor a Deus, o qual promove esta ação universal, e na antecipação da consumação futura. Na apologética do Justino, o mártir, aproximadamente 165 d.C. em Roma, mostra em seu livro I.65-67, uma celebração eucarística autônoma, absolutamente alheia de uma refeição reservada a saciar-se, e possui a seguinte sequência, (baseado Apol. I,67.1-6)¹² e sugerido pelo Christoph (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 78):

Leitura (“escritos dos profetas”, respectivamente “memórias dos apóstolos”)
Prédica do presidente
Oração (de intercessão) da comunidade
Apresentação das ofertas
Oração de ação de graças (presidente)
Aclamação (“amém”) da comunidade
Distribuição (Ceia do Senhor)
Levada das ofertas às pessoas ausentes (por diáconos)
Recolhimento da coleta para doentes e necessitados

¹¹ Did 10.6 – “Que a tua graça venha, e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Quem é fiel, venha; quem não é fiel, converta-se. *Maran atá*. Amém” (DIDAQUÊ, 1995, p. 354).

¹² Apol. I,67.1-6 – “Depois dessa primeira iniciação, recordamos constantemente entre nós essas coisas e aqueles de nós que possuem alguma coisa socorrem todos os necessitados e sempre nos ajudamos mutuamente. Por tudo o que comemos, bendizemos sempre ao Criador de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo. No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dá o que bem lhe parece, e o que foi recolhido se entrega ao presidente. Ele o distribui a órfãos e viúvas, aos que por necessidade ou outra causa estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra, ele se torna o provisor de todos os que se encontram em necessidade”.

As orações de ações de graça na eucaristia giram em torno dos temas: louvor do Pai por meio do Filho e do Espírito¹³; agradecimento pela criação e redenção¹⁴; memória da instituição¹⁵ “com epiclese (invocação) do Lógos¹⁶ (‘que, por virtude da oração ao Lógos que procede de Deus, o alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne – e a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado’)”, segundo relata Christoph (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 78). Tanto esta oração quanto a oração que encontramos no Didaquê 10.1-5¹⁷ não contemplam a descrição da instituição, e a anamnese do evento de Cristo está integrada no agradecimento.

1.4. DIREÇÃO E PRESIDÊNCIA DOS CULTOS

Foram em residências privadas que se desenrola a vida cultural dos primeiros cristãos, pois as comunidades não dispunham de igrejas. O modelo mais comum do culto eucarístico eram os ajuntamentos da comunidade doméstica. Geralmente, integrantes da comunidade tinham uma posição social mais elevada que os demais, e com isso possuíam casas mais amplas, estes eram os anfitriões. É lógico que competia também a eles uma função de destaque dentro da atividade do culto.

O pai de família era responsável pelos atos litúrgicos no lar, por exemplo, no dia de sábado, como anfitrião, ele partia o pão e proferia a adoração no começo da ceia. Da mesma forma, certamente também o anfitrião de uma comunidade doméstica

¹³ Apol. I,65.3 – “Foi isso que os Apóstolos nas memórias por eles escritas, que se chamam Evangelhos, nos transmitiram que assim foi mandado a eles, quando Jesus, tomando o pão e dando graças, disse: “Fazei isto em memória de mim, este é o meu corpo”. E igualmente, tomando o cálice e dando graças, disse: “Este é o meu sangue”, e só participou disso a eles”.

¹⁴ Apol. 67.2 – “Por tudo o que comemos, bendizemos sempre ao Criador de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo”.

¹⁵ Apol. I,65.3 – “Foi isso que os Apóstolos nas memórias por eles escritas, que se chamam Evangelhos, nos transmitiram que assim foi mandado a eles, quando Jesus, tomando o pão e dando graças, disse: “Fazei isto em memória de mim, este é o meu corpo”. E igualmente, tomando o cálice e dando graças, disse: “Este é o meu sangue”, e só participou disso a eles”.

¹⁶ Invocação ao Espírito Santo, na celebração eucarística, especialmente nas liturgias da igreja oriental – Invocação (HOUAISS, 2009, p. 781).

¹⁷ Did 10. 1-5 – “Depois de saciados, agradeçam deste modo: ‘Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo Nome, que fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre. Tu, Senhor Todo-poderoso, criaste todas as coisas por causa do teu Nome, e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais, e uma vida eterna por meio do teu servo. Antes de tudo, nós te agradecemos porque és poderoso. A ti a glória para sempre. Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre”.

assumia a presidência por razão da eucaristia, foi o caso, por exemplo, de Estéfanos e Gaio em Corinto. Em Romanos 16.1, no mínimo, sugere a eventualidade de uma mulher como Febe, que presidirá uma casa e era anfitriã de uma comunidade doméstica em Cencreia, desempenhava a presidência na ceia.

De resto, e abstraindo dessas funções centrais da ceia, o culto acomodou uma multiplicidade possibilidades e a participação ativa da comunidade. Em Corinto, por exemplo, parece ser regra que vários profetas e mestres se manifestem por meio de seus sermões e profecias, assim como praticarem glossolalia, bem como a atuação dos intérpretes, assim também como membros da comunidade que faziam orações espontâneas (1 Co 14.26). Diante da abundância e diversidade dessas manifestações, o apóstolo é obrigado a advertir contra dar a impressão de desordem caótica (1 Co 14.31-33).

Inicialmente, a participação das mulheres na pregação profética e oração era praticada como regra e era abertamente aceita por Paulo com pequenas restrições (1 Co 11.5-11). Foi só na época da segunda e terceira geração que se proibiu o discurso público das mulheres nas reuniões. Essa medida foi motivada por um esforço para não violar as regras relativas ao comportamento social das mulheres no ambiente judaico e helenístico, e assim evitar escândalos desnecessários (1 Tm 5.14).

Além disso, na virada do século II, havia uma concentração inequívoca das funções de culto em um pequeno círculo de pessoas especialmente autorizadas a fazê-lo. Eles são, por um lado, profetas comprovados que possuem o Espírito. Assim, por exemplo, a Didaquê prevê a possibilidade de os profetas conduzirem a assembleia eucarística com frequência e lhes permite “abençoar/celebrar à vontade” (Did 10.7). Portanto, os profetas deveriam configurar livremente a ação de graças na medida da plenitude pneumática que lhes era dada. Por outro lado, procurou em sentido contrário, combinar as funções de presidência da comunidade e de ensino, com a concomitante retirada dos elementos carismáticos e proféticos. Assim, as epístolas pastorais defendem o princípio da direção mediante o ensino. Christoph acrescenta, dizendo:

Nesse sentido, a pessoa responsável pela direção da comunidade (*epískopos*) deve assumir, ao mesmo tempo, o ensino (1 Tm 4.6) e a presidência no culto (1 Tm 5.17). Embora não se encontre, nesse contexto, uma referência direta à direção da eucaristia, ela está, sem dúvida, incluída (CHRISTOPH *et al.*, 2011, p. 82).

A motivação teológica para isso tanto não se baseia, em nada na ideia de um poder conferido na ordenação, mas na percepção de Paulo de que a comunidade recebe sua configuração a partir da mesa do Senhor. Segue-se que o serviço pastoral da direção responsável da comunidade, deve ter como ponto de partida o serviço eucarístico.

Na aplicação unilateral deste princípio, as epístolas pastorais desencadearam um desenvolvimento que levou à retirada do carisma e dos dons do Espírito não relacionados ao serviço fixo da liturgia. Segundo Christoph, “Inácio de Antioquia vai um passo além, ao prescrever compulsoriamente que o dirigente da comunidade local (*epískopos*) presida a eucaristia”. Essa regra irá se impor ao longo de todo século II (CHRISTOPH et al., 2011, p. 82).

2. ANÁLISE CONTEXTUAL DA CARTA AOS CORÍNTIOS

Através de uma análise contextual da cidade de Corinto, o seu povo, Cultura e religião, a relação de Paulo com a cidade e com a igreja, estabelecerá um caminho de compreensão aprofundado para que melhor entenda-se o proposto texto que irá ser trabalhado a frente.

2.1. A CIDADE CORINTO

A cidade de Corinto localiza-se em um istmo¹⁸ na junção de rotas marítimas para o Ocidente e para Oriente, como também em rotas terrestres para o norte e para o sul. Sua privilegiada situação geográfica com acesso tanto ao mar Adriático quanto ao mar Egeu, era responsável pelo apressado progresso da cidade.

A cidade era muito importante desde os tempos antigos da Grécia. Foi a principal adversária de Atenas no que diz respeito ao comércio marítimo. Na qualidade de cidade portuária, destacava-se como centro mercantil e ponto de encontro entre as nações. Havia muitas fontes de rendas procedentes do seu comércio que a tornava uma cidade próspera e sem igual no Império Romano. As atividades comerciais que ali eram desenvolvidas traziam riqueza e ostentação à cidade.

¹⁸ E uma porção de terra estreita cercada por água em dois lados e que conecta duas grandes extensões de terra (HOUAISS, 2009, p. 1116).

Falando a respeito da prosperidade de Corinto, Lawrence O. Richards declara:

Uma outra fonte de prosperidade era a indústria bancária que se desenvolveu ali. Um terceiro fator era a grande colônia de artesãos que se fixaram em Corinto. Por exemplo, o bronze de Corinto era apreciado por todo o Império, e as lâmpadas de Corinto eram exportadas para todas as terras. Finalmente, nos dias de Paulo, Corinto também era a capital da Acaia, e a atividade do governo trouxe tanto a população como a riqueza para sua cidade. O retrato que obtemos é o de uma comunidade atarefada e apressada, ativa e próspera, habitada por homens e mulheres ambiciosos, ansiosos por prosperar e serem bem-sucedidos (RICHARDS, 2012, p.325).

Segundo Leon Morris, quem viajava de Roma para o Oriente tinha que passar por Corinto, proporcionando ainda mais oportunidades para que a cidade gradativamente chegasse a ser muito rica. “Era um ponto de parada natural na rota de Roma para o Oriente, e o lugar onde se encontravam várias rotas de comércio”. (MORRIS, 2008, p.11). Para evitar a distância e as tempestades em alto mar, os marinheiros preferiam ancorar suas embarcações nos portos de Corinto.

A fim de evitar uma viagem de trezentos e vinte quilômetros ao redor do tempestuoso cabo maleia, os navios ancoravam num destes portos, transportavam suas cargas pelo istmo e carregavam em navios que esperavam do outro lado. Barcos pequenos também eram rebocados. O domínio deste comércio tornou rica a cidade de Corinto (HORTON, 2012, p. 11).

Em 146 a.C. foi destruída pelo general romano Lúcio Múnius e seu exército, por conta de um papel que exerceu. Esparta e Atenas viviam nesta época um conflito armado, as cidades se encontravam em guerra. Atenas era tida como o padrão de excelência, o centro da civilização e da política do século V a.C., e Esparta era conhecida particularmente por seu poderio militar. Neste período de conflito entre estas duas forças, Corinto juntou-se com Atenas. De acordo com Simon Kistemaker, Corinto veio a sofrer algumas consequências por esta aliança com os atenienses.

Durante a Guerra do Peloponeso (431 –404 a. C), entre Atenas e Esparta, Corinto aliou-se a Atenas. Essa guerra enfraqueceu Atenas e Corinto de tal forma que Felipe II da Macedônia subjugou Corinto no ano 338 a. C. Seu filho, Alexandre, o Grande, usou Corinto como um centro comercial e atração turística. Depois da morte de Alexandre (323 a. C.), Corinto assumiu a liderança das cidades-estados gregas no Peloponeso e no sul da Grécia (KISTEMAKER, 2004, p. 16).

Estando esquecida por cem anos, em 46 a.C. Júlio César fundou-a como uma colônia romana, com o nome oficial de Colonia Laus Julia Corinthus (a colônia coríntia é louvor juliano).

A nova Corinto logo ficou famosa, em 27 a.C., transformou-se na sede da

administração da província romana da Acaia. Da mesma forma com que ficou muito famosa no mundo comercial, como era a primeira Corinto, assim também a sua devassidão sexual era exacerbada no período. As formas insultuosas de libertinagem vistas em Corinto, reflete bem o que o grego clássico nos traz com relação ao verbo korinthiazesthai¹⁹. “O âmbito moral da cidade esclarece o motivo de algumas advertências de Paulo” (MERRILL, 2008, p.1158).

Era uma cidade grega que possuía uma quantidade de gregos bem menor em comparação com outras cidades da Grécia; de outro modo, como colônia romana, não parecia romana. A população era formada em grande parte por pessoas de outras regiões, distantes ou próximas de Corinto. Leon Morris, comenta: “Ali, gregos, latinos, sírios, asiáticos, egípcios e judeus, compravam e vendiam, trabalhavam e folgavam, brigavam e se divertiam juntos, na cidade e nos portos, como em nenhuma outra parte da Grécia”. (MORRIS, 2008, p. 12).

Bull afirma que “Corinto era uma cidade onde viviam pessoas de diversas etnias cada qual com suas características”. Estas faziam com que fosse uma cidade multicultural, que atraía pessoas de diferentes partes do mundo, especificamente de origem asiática (BULL, 2009, p. 73).

2.2. O POVO DE CORINTO

Tudo aponta que inicialmente os habitantes da atual Corinto eram romanos, pois Corinto era uma colônia romana. No entanto, ao longo dos anos muitos imigrantes vindos de diversas partes do mundo se estabeleceram na cidade.

Dessa forma, é possível concluir que os habitantes da Corinto romana provinham de diversas regiões, o que caracteriza essa cidade como um conglomerado de indivíduos que, apartados das suas comunidades de origem, trouxeram consigo tradições culturais particulares: gregas, romanas e judaicas. Foi nesse ambiente social multifacetado que se desenvolveu a missão paleocristã empreendida por Paulo.²⁰

¹⁹ Extraído da página freebiblecommentary – Tópico especial: A cidade de Corinto – disponível em: <http://www.freebiblecommentary.org/special_topics/por/A_CIDADE_DE_CORINTO.html>, acesso em 17/04/2022 - Cunhado por Aristófanos 450-385 a.C., era sinônimo para viver dissoluto, desenfreado.

²⁰ MENDES, Simone Rezende da Penha. Paulo e a Ekklesia de Corinto: conflitos sociais e disputas de autoridade no período paleocristão. Dissertação. 182 f. (Mestrado) -Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Centro de Ciências Humanas e naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. p. 116. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4768_.pdf>. Acesso em: 07/05/2022.

Existia uma miscigenação de pessoas residindo em um mesmo ambiente. Vários ex-soldados, como também escravos livres, vindos de Roma, descobriram em Corinto um bom lugar para reconstruir suas vidas. Era “uma cidade mais latina²¹ do que grega”.²² Tudo isso contribuiu para o progresso da economia e diversidade cultural da cidade. Mulheres e homens, que moravam em torno do Mediterrâneo, enxergavam em Corinto um lugar de refúgio e esperança para uma vida melhor. “Todas estas pessoas trabalhavam em Corinto ou em algumas das suas cidades portuárias, tornando Corinto um centro de comércio internacional” (KISTEMAKER, 2004, p. 17). A hospitalidade da cidade de Corinto cooperou em partes para que povos de diferentes lugares fixassem ali sua moradia, esta expansão populacional apressada trouxe também consigo a desigualdade. Com isso, era notória a desigualdade social em Corinto. Havia muitos ricos e cultos, comerciantes, artesãos, bancários, músicos, filósofos e funcionários públicos do alto escalão, no entanto, a população majoritária não dispunha desta condição abastada. O poder estava nas mãos de uns poucos. Existiam muitas pessoas pobres que trabalhavam na agricultura, nas cidades provincianas, sem contar o trabalho escravo, que movimentava boa parte da mão de obra na cidade.

Em Corinto morava a maioria dos latifundiários da Grécia. Isso colaborou para que a cidade ostentasse um abismo gigantesco entre ricos e pobres e a consequente exploração dos poderosos sobre os fracos. [...] Isso nos leva a constatar que o poder econômico e político estava concentrado nas mãos de poucos privilegiados, que viviam explorando os pobres e escravos e se deliciando com festas, música, teatro e com Jogos Ístmicos, famosos em toda região (BORTOLINI, 2008.p. 13).

“A cidade de Corinto tinha uma população de aproximadamente quatrocentos mil escravos dentre os quais se encontravam muitos judeus”. (HORTON, 2012, p. 11).

Paulo menciona nomes latinos de pessoas que viviam em Corinto: Tércio, Gaio e Quarto (Rm 16.22,23), o casal judeu Priscila e Áquila; Tício Justo; Crispo, o principal da sinagoga, e Fortunato (At 18.2,7; 1Co 1.14; 16.17). Oficiais romanos civis e militares, entre os quais estava o procônsul Gálio (At 18.12), residiam em Corinto junto com uma multidão de colonos formada de ex-soldados e libertos (ex-escravos) vindos de Roma ((KISTEMAKER, 2004, p. 17).

²¹ A língua oficial era o latim, embora o grego permanecesse a língua do povo simples (KISTEMAKER, 2014, p. 17).

²² PARÓQUIA SANTA CRUZ. Estudo Bíblico da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. A comunidade: o retrato de Deus nos rostos humanos. Disponível em: <<http://www.parsantacruz.org.br/estudo-biblico-primeira-carta-de-paulo-aos-corintios-a-comunidade-o-retrato-de-deus-nos-rostos-humanos/>>. Acesso em: 07/05/2022.

De certo modo, todos aqueles que residiam ou que por ali passavam, enriqueciam tanto cultural como religiosamente seus moradores e aqueles que entravam em contato com eles. Por outro lado, esta diversidade levou seus habitantes a uma depravação moral e espiritual muito grande.

2.3. CULTURA E RELIGIÃO EM CORINTO

Autores nos séculos que antecederam o início do Cristianismo, sendo eles gregos e romanos, referiram-se muitas vezes a Corinto como a cidade da fornicação e da prostituição.

O termo *corinthiazesthai* (literalmente, “viver uma vida coríntia”) foi cunhado pelos gregos para referir-se à imoralidade da cidade. Corinto tinha vários templos, dos quais, um dedicado à deusa do amor, Afrodite, era conhecido na Antiguidade por sua imoralidade.

Os coríntios também permitiam que muitos grupos religiosos diferentes praticassem sua fé. Além do culto a Afrodite, os coríntios cultuavam Asclépio, Apolo e Posêidon. Havia também vários altares e templos para as divindades gregas Atenas, Hera e Hermes, além de santuários para o culto dos deuses egípcios Ísis e Serapis (KISTEMAKER. 2014, P. 18).

Estrabão escreve sobre a cidade de Corinto em época anterior à sua destruição pelos romanos, em 146 a.C., e registra a presença de 1000 prostitutas no templo de Afrodite, embora a exatidão dessa afirmação tenha sido questionada por muitos estudiosos. Supomos que a cidade de Corinto e seus dois portos, que recebiam uma multidão de navegantes, mercadores e soldados, dificilmente era um lugar para altos padrões morais.

As claras exortações de Paulo para fugir da imoralidade (5.1; 6.9, 15–20; 10.8) deixam a nítida impressão de que a promiscuidade não era rara nessa cidade (KISTEMAKER, 2004, p. 17).

2.4. PAULO E A IGREJA DE CORINTO

Chegando em Jerusalém, logo após um distanciamento de três anos, Paulo esteve com Pedro e Tiago durante quinze dias (Gl 1.18,19). A igreja, temendo pela vida de Paulo, tiveram que o levar para Cesareia e de lá colocaram-no a bordo de um navio para Tarso (At 9.29,30). Paulo constituiu igrejas na Cilícia e na Síria (At 15.41; Gl 1.21) e, então, chamado por Barnabé, foi para Antioquia, onde instruiu acerca do

evangelho por um ano (At 11.25,26). Ao longo desse tempo, Paulo e Barnabé viajaram para a Judeia a fim de conceder ajuda aos cristãos que sofriam em razão da fome, em 44 d.C. ou 45 d.C. (At 11.29,30). A primeira viagem missionária ocorreu possivelmente entre 46 e 48, quando Paulo e Barnabé anunciavam o evangelho na ilha de Chipre e em Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe (At 13–14; 15.41). Depois de seu retorno a Antioquia, a igreja os enviou ao Concílio de Jerusalém (At 15). Paulo escreve que, passando-se 14 anos, subiu de novo a Jerusalém (Gl 2.1). Se considerarmos os 14 anos como se tratando do tempo transcorrido desde a conversão, datamos o Concílio de Jerusalém em 49 d.C. (KISTEMAKER, 2004, p. 21-22).

Em seguida do encontro em Jerusalém, Paulo inicia sua segunda viagem missionária pela visita às igrejas na Ásia Menor (At 15.36–16.5). Ele atravessou o mar Egeu e viajou até Filipos, Tessalônica, Bereia e Atenas (At 16.8–17.33). Se considerarmos que Paulo chegou em Corinto no outono de 50 d.C., ali estando por 18 meses (At 18.11).

Paulo deixou Corinto na primavera de 52 d.C., navegando com Áquila e Priscila para Éfeso, onde os deixou, continuando sua viagem para Cesareia, de onde foi para Jerusalém e Antioquia (At 18.18–22). Depois, viajou pela Ásia Menor, fortalecendo as igrejas, chegando a Éfeso provavelmente no outono de 52 d.C. (At 18.23; 19.1). Permaneceu três anos em Éfeso, ensinando, primeiro na sinagoga e depois na escola de Tirano, e propagando a palavra do Senhor (At 19.8, 20; 20.31). Não temos como especificar a ocasião exata da composição de 1Coríntios, mas 55 d.C. é uma data bastante próxima (KISTEMAKER, 2004, p. 21-22).

A igreja de Corinto foi fundada por Paulo em sua segunda viagem missionária e era bastante heterógena. Visto que era mista, incluindo tanto judeus como gentios (At 18.4) Vários desses judeus apresentavam conhecimento bíblico razoável. Como podemos inferir no caso de Priscila natural de Roma, Áquila natural do Ponto (At 18.2) e Crispo, o chefe da sinagoga (At 18.2,8). Todavia, as discussões encontradas na carta nos mostram problemas típicos de uma assembleia gentílica e não judaica: como é o caso da apresentação de seus membros em tribunais seculares, algo evidentemente proibido aos judeus (cf. 1Co 6.1-11) (VILELA, 2003, p. 19.).

De modo geral a igreja era composta de pessoas com baixo nível social, todavia, em (1Co 1.26-29), Paulo nos revela que “não muitos” sábios, poderosos e de nobre nascimento foram chamados, indicando que havia entre eles indivíduos de

considerável importância aos olhos do mundo. Alguns estudiosos apontam que (1Co 1.26-29) não diz precisamente que a maior parte da igreja era pobre, mas que não tinha “status”. Existiam várias marcas de status, e pessoas poderiam sofrer de inconsistência de status, possuindo umas marcas, como dinheiro, porém não tendo outras, como um “nobre nascimento” (VILELA, 2003, p. 19).

A cultura elitista, a estratificação social e a competitividade própria de Corinto se infiltraram na igreja, de modo que situações de exclusão social ocorreram (1Co 11.17). Outros indícios dessa estratificação social afetando internamente a igreja foram sugeridos, como interesse pela “sabedoria” e o costume de comer carne sacrificada.²³

É muito provável que entre os que se encontravam numa boa condição financeira, estavam: Crispo, Gaio, Tício Justo, Estéfanos, Erasto etc., pois só aqueles com boa condição financeira assumiam cargos de liderança cívica, possuíam escravos, viajavam e tinham casas suficientemente grandes para manter uma igreja, pois eram nas casas os locais de encontro.

Vilela citando Jerome Murphy O`Connor, informa que ele estimou com base em escavações de quatro casas coríntias do período romano, que as igrejas-casa era composta por cinquenta membros.

Mais do que isso, os estudos recentes mostram que aqueles com casas grandes o suficiente para acomodar muitas pessoas eram chefes de família de posses, com muitas pessoas sob sua proteção, incluindo parentes, escravos e outros. O chefe era chamado “*paterfamilias*”, tendo responsabilidade legal pelos que se reuniam em sua casa. (VILELA, 2003, p. 19.).

Por fim, embora a igreja que se encontrava nas casas fosse basicamente uma associação voluntária igualmente a outras da época, a atuação da estrutura familiar e das lideranças familiares eram determinantes na igreja.

Diante de tudo o que foi visto, seguir-se ao próximo capítulo, onde buscar-se-á em uma visão geral compreender a adoração na igreja primitiva, visando que o capítulo anterior passa pela cidade de Corinto, o povo de Corinto, a cultura e a religião, Paulo e a igreja de Corinto, dará um pano de fundo para poder-se adentrar e fazer uma exegese do texto abaixo.

²³ Segundo Hoefelmann, os pobres só comiam carne em festas idólatras. Os ricos podiam comer sem tal associação. Isso significaria que a divisão “fraco” / “forte” teria uma base sociológica. Cf. HOEFELMANN, Verner, Corinto: Contradições e conflitos de uma comunidade Urbana. **EstB** 25, p. 21-33, WITHERINGTON, Conflict, p. 25.

3. EXEGESE DE 1 CO 14.26-33^a

Aqui será trabalhado a parte exegética do texto, onde terá a perícopes em grego e sua respectiva tradução literal, juntamente com comentários bíblicos para uma melhor compreensão do texto.

3.1. TEXTO NO ORIGINAL GREGO E TRADUÇÃO LITERAL DA PERÍCOPE

Texto no original grego

26. τί οὖν ἐστίν, ἀδελφοί; ὅταν συνέρχησθε, ἕκαστος ψαλμὸν ἔχει, διδαχὴν ἔχει, ἀποκάλυψιν ἔχει, γλῶσσαν ἔχει, ἑρμηνείαν ἔχει· πάντα πρὸς οἰκοδομὴν γινέσθω. 27. εἴτε γλώσση τις λαλεῖ, κατὰ δύο ἢ τὸ πλεῖστον τρεῖς καὶ ἀνά μέρος, καὶ εἷς διερμηνευέτω· 28. ἐὰν δὲ μὴ ἦ διερμηνευτής, σιγάτω ἐν ἐκκλησίᾳ, ἑαυτῷ δὲ λαλείτω καὶ τῷ θεῷ. 29. προφηῆται δὲ δύο ἢ τρεῖς λαλείτωσαν καὶ οἱ ἄλλοι διακρινέτωσαν· 30. ἐὰν δὲ ἄλλω ἀποκαλυφθῆ καθήμενῳ, ὁ πρῶτος σιγάτω. 31. δύνασθε γὰρ καθ' ἓνα πάντες προφητεύειν, ἵνα πάντες μανθάνωσιν καὶ πάντες παρακαλῶνται. 32. καὶ πνεύματα προφητῶν προφήταις ὑποτάσσεται, 33. οὐ γάρ ἐστίν ἀκαταστασίας ὁ θεὸς ἀλλὰ εἰρήνης. Ὡς ἐν πάσαις ταῖς ἐκκλησίαις τῶν ἁγίων, (1 CO 14.26-33a^{UBS5})

Tradução literal da perícopes

26. Que fareis pois, é, irmãos? Quando vós vos reunirdes cada um salmo tem, ensino tem, revelação tem, língua tem, interpretação tem: todas para edificação seja. 27. Se, contudo, língua alguém fala, conforme dois ou o muito três e cada após o outro, e um intérprete. 28. Se, porém, não seja intérprete silencie ele dentro da igreja, para si mesmo, porém fale ele e para Deus. 29. Profetas, porém, dois ou três falem eles e os outros julguem eles. 30. Se, porém, outro seja revelado ao que está sentado, o primeiro silencie. 31. Vós podereis pois conforme um todos profetizar, para que todos sejam ensinados (discipulados) e todos sejam consolados (encorajados, exortados). 32. e espíritos dos profetas para os profetas se sujeitam (estão sujeitando), são sujeitos. 33. não pois é desordem Deus, mas paz: como em todas as igrejas dos santos, (1 CO 14.26-33a).²⁴

²⁴ Tradução disponibilizada pelo professor Marcos de Almeida.

3.2. COMENTÁRIOS DO TEXTO DE 1CO 14.26-33a

Para fins da pesquisa exegética a perícope acima será dividida em quatro partes, de maneira a capturar melhor o sentido de algumas palavras e frases. Será utilizado a tradução literal mencionada acima, juntamente com alguns comentários Bíblicos, para que assim se possa ter uma melhor compreensão dos versículos propostos.

26. Que fareis, pois, irmãos? Quando vós vos reunirdes cada um salmo tem, ensino tem, revelação tem, língua tem, interpretação tem: todas para edificação seja.

Outra vez, portanto, Paulo dá ênfase ao conhecido tema da edificação: se há caos no culto, os adoradores não recebem benefício espiritual algum. Sempre que Paulo ensina um tópico sensível que afeta os coríntios pessoalmente, em geral chama-os de irmãos e esse versículo não é exceção.

"Quando vós vos reunirdes, cada um salmo tem, ensino tem, revelação tem, língua tem, interpretação tem." Paulo descreve o serviço que envolve muitos membros da congregação: um canta um salmo, outro ensina, outro compartilha uma revelação, e ainda há línguas e interpretação. Paulo não insinua que esta lista é exaustiva ou que ele está registrando uma ordem típica de culto. Pelo contrário, ele menciona aleatoriamente certas partes do culto. Por exemplo, não menciona a oração e a leitura das escrituras, embora possam estar incluídas nos dons listados.

Paulo já havia mencionado o canto de um salmo ou hino (v. 15), uma parte comum dos cultos nas sinagogas judaicas e igrejas cristãs. O canto podia ser ou não acompanhado por algum instrumento. Além disso, ele pôs na lista ensino e revelação no contexto de ensino e profecia. (v. 6). Presumimos que o ensino e revelação são relacionados à exposição da Palavra²⁵. E, finalmente, uma das ordens explícitas de Paulo havia sido que falar numa língua em público devia ser sempre interpretado; do contrário, não tem valor. Tudo no culto deve ser feito de maneira ordenada (KISTEMAKER, 2014, p. 623).

²⁵ FEE, mostra uma abordagem que vai de encontro a definição para ensino e revelação dada por Kistemaker: "Paulo usa a palavra "revelação" de várias maneiras (*uma possibilidade pode muito bem está associada ao tipo de elocução carismática mencionada nessa passagem*), mas apenas no presente argumento para sugerir algum tipo de fala dada pelo Espírito para proveito da comunidade reunida. Não há clareza alguma sobre qual seria exatamente seu conteúdo e como seria diferente de "conhecimento" ou "profecia". Por exemplo, a palavra aparece na lista final combinada com "ensino" (v.26), uma lista que não inclui "profecia" nem "conhecimento". Contudo, na discussão subsequente em que põe ordem nas falas (v.27-33), Paulo volta a mencionar línguas e profecia, mas não "revelação", embora o verbo cognato apareça na discussão sobre profecia (v.30) (FEE, 2019, p. 838). Para mais informações sobre a diferença entre profecia e pregação/ensino, ler Wayne Grudem. O dom de profecia no Novo Testamento e hoje. p. 83,84.

"Todas para edificação seja." Cada parte do culto deve fortalecer os membros da igreja, ou seja, quando a congregação se reúne para adoração, o princípio do amor deve ser aplicado e evidenciado. Se este princípio estiver ausente, a adoração em si é inútil aos olhos de Deus.

27. Se, contudo, língua alguém fala, conforme dois ou o muito três e cada após o outro, e um intérprete. 28. Se, porém, não seja intérprete silencie ele dentro da igreja, para si mesmo, porém fale ele e para Deus.

Toda vez que Paulo fala sobre o dom de falar em línguas, ele o está regulando de alguma forma. Aqui, ele se dirige a uma pessoa, homem ou mulher, e escreve a palavra língua no singular. Ele quer quem fala preste atenção a cinco restrições.

- a. "Conforme dois ou o muito três". Nem todos podem falar; Apenas duas ou no máximo²⁶ três pessoas podem falar. Com esses números, Paulo dá a entender que nem todos recebem o respectivo dom (1Co 12.30). No entanto, ele sugere que a restrição se aplique a qualquer encontro da comunidade, no que diz respeito a cultuar.²⁷
- b. "E cada após o outro." Primeiramente, Paulo pintou uma cena hipotética na qual toda a igreja falava em línguas; apontou o dano que isso causaria (v. 23). Agora ele quer evitar qualquer influência negativa que o falar em línguas possa ter na tarefa evangelizadora da igreja. Assim, ele regulamenta o exercício da glossolalia para preservar a ordem litúrgica do culto. Paulo refreia os membros da congregação de Corinto ao dizer que cada um pode falar por sua vez: um de cada vez e nada mais. A todo momento ele defende a ordem em favor da igreja (v. 33a).²⁸

²⁶ Fee diz: "Não há certeza se isso significa "em cada reunião" ou "antes que haja uma interpretação". Está opção é favorecida pela expressão "no máximo" e pela preocupação geral do capítulo de que "línguas" não dominem a reunião; portanto, com essa diretriz Paulo está sugerindo que tais manifestações sejam limitadas em qualquer reunião" (FEE, 2019, p. 874).

²⁷ [...] Juntamente com o que precede o (v. 23), a implicação é que os coríntios estavam fazendo o contrário. Eles não somente tinham um ardor todo especial por esse dom, mas ao que tudo indica, tinham deixado que ele dominasse suas reuniões de uma maneira que refletia muito mais o êxtase pagão do que o evangelho de Cristo. Ao mesmo tempo, no que diz respeito à maneira de Paulo entender a questão, essa diretriz estabelece uma clara distância entre "línguas" e todas as formas de êxtase pagão (FEE, 2019, p. 875).

²⁸ Seja como for, a inspiração cristã, incluindo tanto línguas quanto profecia, não é algo "descontrolado". O Espírito não "possui" nem "domina" a pessoa que fala; em vez disso, o Espírito está sujeito ao profeta ou ao que fala em línguas, no sentido de que aquilo que o Espírito tem a dizer será dito de forma ordeira e inteligível. É, de fato, o Espírito quem fala, mas aquilo que é falado vem por meio da instrumentalidade controlada da mente e da língua do próprio crente [...] (FEE, 2019, p. 875).

- c. "E um intérprete". A restrição a seguir foi mencionada anteriormente, mas é repetida aqui. Quando as pessoas falam uma língua, um dos membros da igreja deve traduzir para as duas ou três pessoas autorizadas a falar. No Novo Testamento, o verbo interpretar e seus parentes significam traduzir palavras ou transmitir o significado de uma língua para outra. Na igreja de Corinto, parece ser uma questão de transmitir os significados das palavras faladas, em vez de traduzir sucessivamente duas ou três línguas conhecidas.²⁹
- d. "Se, porém, não seja intérprete silencie ele dentro da igreja". Na ausência de um intérprete, quem fala em línguas deve ficar quieto no culto. Essa pessoa tem a capacidade de ficar calada enquanto outros falam sucessivamente. Observe que Paulo permite a prática de falar em línguas na privacidade de suas casas.
- e. "Para si mesmo, porém fale ele e para Deus". A última instrução que Paulo dá para o que fala em línguas é que ele fale em particular consigo mesmo e com Deus. Falar com Deus em particular nada tem com a igreja em culto.

Esse detalhamento serve para destacar o que foi dito anteriormente a favor da inteligibilidade na igreja reunida. Isso Paulo coloca em forma de regulamento o que foi dito anteriormente de diferentes maneiras (v. 5,6-13 e 14-19). Se a pessoa não experimentou o dom da interpretação e se não estiver presente alguém que é conhecido por ter esse dom, então deve permanecer em silêncio. Mas, como antes, Paulo não proíbe o dom em si. Voltando às ideias apresentadas no início, Paulo adverte que quem fala em línguas "fala consigo mesmo e com Deus". Falar "para si mesmo" contrasta com a instrução anterior, o que significa que se for em línguas, deve-se orar (falar) somente "a Deus" e sozinho.

Com exceção da advertência final de conclusão (v. 39), essa é a palavra final sobre línguas nesse argumento. Paulo tem sido coerente o tempo todo ao longo do texto. Línguas são a linguagem de oração e louvor, dirigidas a Deus, mas, visto que são ininteligíveis e, portanto, não podem edificar, devem permanecer no âmbito da oração e devoção pessoais. Somente quanto está

²⁹ [...] Isso apenas repete o que já foi dito duas vezes anteriormente (v. 5 e 13), exceto que nessas duas passagens se pressupõe que aquele que fala em línguas também receberá a interpretação ao passo que aqui, no texto precedente (12.10) e no seguinte (v. 28-30) se pressupõe que a interpretação será dada a alguma outra pessoa (*embora nesse caso o εἷς possa se referir a um dos dois ou três que falam em línguas*). Não dá para ter certeza se "alguém" deve interpretar depois de cada fala em línguas ou se as duas primeiras diretrizes também visam limitar o número de manifestações em línguas antes que haja uma interpretação. É provável que seja essa segunda possibilidade, mas é impossível ao leitor de épocas posteriores ter certeza a respeito disso (FEE, 2019, p. 875).

presente alguém reconhecidamente capacitado como o dom de interpretação é que o dom de línguas pode ser exercitado na igreja (FEE, 2019, p. 876).

29. Profetas, porém, dois ou três falem eles e os outros julguem eles. 30. Se, porém, outro seja revelado ao que está sentado, o primeiro silencie. 31. Vós podereis pois conforme um todos profetizar, para que todos sejam ensinados (discipulados) e todos sejam consolados (encorajados, exortados).

Algumas regras de Paulo para as profecias fazem tanto sentido quanto aquelas que ele deu para os que falam em línguas. Porque para os falantes da língua, ele pede a um intérprete que dê sentido ao que ele está dizendo, mas no que diz respeito a profecia, ele pede aos membros da igreja que avaliem as palavras proféticas.

Paulo não menciona nenhum benefício em falar línguas, todavia, ao falar de profecia, ele fala das bênçãos da instrução e encorajamento. As diferenças entre esses dois dons espirituais são significativas, e Paulo é consistente em repetir suas diferenças. Colocando o dom de profecia em um nível superior ao de línguas. Isso não significa que em dada reunião deva haver um limite de duas ou três profecias, ou seja, significa que não deve haver mais de três falas por vez antes que os outros ponderem cuidadosamente sobre o que está sendo dito. A palavra utilizada em (12.10) é a mesma aqui utilizada διακρινέτωσαν· (julguem e discernimento), e isso é mencionado pelo FEE, onde ele diz:

Conforme assinalado ali, é provável que isso deva ser entendido com uma forma de “testar o Espírito/os espíritos”, mas não tanto no sentido de “o profeta” estar ou não falando por um espírito estranho, mas de a profecia em si estar ou não verdadeiramente em conformidade com o Espírito de Deus, o qual também está habitando nos outros crentes (FEE, 2019, p. 877).

Aqui não são apresentados os critérios sobre o que faz parte do processo de discernimento, embora em Romanos 12.6 que é uma carta posterior, diga que as profecias devem ser "segundo a semelhança da fé", que pode significar "aquilo que é compatível com os escritos bíblicos". Kistemaker ajuda um pouco mais nesta compreensão:

“E que os outros façam a avaliação.” Quem são aqueles a quem se pede que julguem a pregação e ensino da Palavra? Alguns comentaristas acham que os demais profetas devem avaliar a profecia (ver v. 32, e 12.10). Outros são de opinião que os ouvintes, isto é, os membros da igreja, devam avaliar e ponderar a mensagem que é entregue (comparar com o v. 31). Muito se pode dizer a favor de qualquer uma das duas posições, mas o contexto tudo parece indicar que os membros que ouvem as profecias devem ser os que fazem avaliação a respeito da palavra falada. Se as igrejas nos lares acomodavam

no máximo 30 pessoas, a proporção de profetas numa dada congregação seria alta. Outros membros participavam em avaliar as mensagens (KISTERMAKER, 2019, p. 626).

Com isso fica claro que a maior preocupação de Paulo ao prescrever tal regra, não era com um grupo de profetas, porém com a maneira em que a profecia estava acontecendo na igreja de Corinto.

Por isso, é preciso entender que o substantivo “profeta” é termo funcional, semelhante ao uso de “intérprete” acima (v. 28), e significa, tal como no início (v. 3), “aquele que está profetizando”. Embora nesse caso ele use um substantivo, o que ele não faz com “aquele que fala em língua”, a estrutura das duas frases (v. 27 e 29) requer um entendimento semelhante em ambos os casos e não implica que agora ele esteja falando sobre um grupo especial de pessoas (FEE, 2019, p. 878).

“Se porém, outro seja revelado ao que está sentado, o primeiro silencie”. Essa sentença é interessante, pois declara que o preletor pode ser interrompido e silenciado quando alguém que está sentado recebe uma revelação. Paulo diz literalmente que “é revelado para outro que está sentado”, e em seguida dá instruções para um procedimento ordeiro. No entanto, quando uma pessoa que recebe tal revelação a torna conhecida aos irmãos crentes, eles por sua vez devem sujeitar essa revelação aos ensinamentos autorizados das Escrituras. Além do mais, se uma pessoa recebe uma revelação na forma de uma predição, esse pronunciamento também precisa ser pesado e avaliado com base na Palavra de Deus. Jonas Machado diz: “O verso 30 sugere que o profeta fica em pé enquanto profetizava; e os outros, sentados, o que está de pé senta-se e para de falar” (MACHADO, 2021, p. 110).

Ainda segundo Machado, isso não era uma licença para interrupção do outro, pois isso culminaria na violação da ordem do culto. E ainda acrescenta que: “É possível que essa pessoa sentada receba em sua mente a impressão forte de uma ideia, uma interpretação do Evangelho, ou alguma imposição que ele sinta ser imperativo para a igreja ouvir” (MACHADO, 2021, p. 110). Pode-se concluir com estas informações que o Espírito é quem determina quando um profeta já teve tempo suficiente e precisa ceder seu lugar a outra pessoa.

“Para que todos sejam ensinados (discipulados) e todos sejam consolados (encorajados, exortados)”. Para finalizar esta parte, Kistermaker sugere que:

“Ao longo de todo esse capítulo especificamente, Paulo repete o conceito *edificar*, embora com palavras diferentes. Aqui ele diz que a pessoa que profetiza deve fazer isso de modo que todos possam aprender “conversando, perguntando, falando, escutando”. E, em segundo lugar, ele observa que

todos podem receber encorajamento pela palavra profética (v. 3) (KISTERMAKER, p. 627).

32. e espíritos dos profetas para os profetas se sujeitam (estão sujeitando), são sujeitos. 33. não pois é desordem Deus, mas paz: como em todas as igrejas dos santos,

Há quem intérprete mal esta primeira parte do versículo (e espíritos dos profetas para os profetas se sujeitam “estão sujeitando”, são sujeitos.), como se o Paulo estivesse dizendo que os profetas do Senhor não são "homens dotados", uma vez tomados pelo entusiasmo divino, eles perderam o equilíbrio mental. Sem dúvida, os profetas de Deus não perderam o equilíbrio mental, pois nada tem a ver com os escritos de Paulo. No entanto, os profetas e seu espírito estão sujeitos a exames. De acordo com esse raciocínio, o apóstolo está submetendo à Palavra de Deus ao escrutínio humano, que é revelado pelo Espírito Santo. João Calvino diz:

Entretanto, isso não está isento de dificuldade, pois o apóstolo nos declara que seus *espíritos estão sujeitos*. Embora esteja ele se referindo aos dons, como pode a *profecia*, que é outorgada pelo Espírito Santo, ser julgada pelos homens, de modo que o próprio Espírito se sujeita ao juízo deles? Segundo este raciocínio, o apóstolo está sujeitando a própria Palavra de Deus ao escrutínio humano, a qual é revelada pelo Espírito. Não há necessidade de enfatizar quão intolerável é tal raciocínio, visto que por si só ele sobejamente se evidencia. Não obstante, afirmo que nem o Espírito de Deus, nem sua palavra, se restringe por um escrutínio desse gênero. Digo mais que o Espírito Santo retém sua majestade inalterada, de modo que ele “julga todas as coisas, sem ser julgado por ninguém” [1Co 2.15]. A santa Palavra de Deus também retém o respeito que lhe é devido, de modo a ser recebida sem qualquer disputa, tão logo seja ela apresentada (CALVINO, 2013, p. 505).

Em grego, a expressão espírito dos profetas não tem artigos definidos antes dos substantivos. Neste texto, o termo provavelmente significa "dons espirituais" dos profetas ou "manifestações do Espírito". A primeira interpretação é consistente com a ordem anterior de Paulo: “seguir os dons espirituais”. E a segunda explicação significa que nenhum profeta pode dizer que perde o controle sobre si mesmo quando recebe uma revelação. Qualquer um que profetize está no controle total de seus sentidos. Ninguém pode dizer que o Espírito Santo prevalece sobre a vontade do profeta para que o profeta aja contra a sua própria vontade.

“Não pois é desordem Deus”. Esta é uma frase muito valiosa porque ensina que a única maneira de servir a Deus é tornarem-se pessoas pacíficas que desejem tê-lo. Portanto, onde os homens amam a contenda, tem de se ter plena certeza de que Deus não governa ali. Paulo diz que Deus não é um Deus de desordem, mas de

paz. Deus não causa confusão porque espera que o profeta mantenha a ordem controlando a si mesmo e aos outros no ministério. Na presença de Deus, todos os adoradores devem estar em paz uns com os outros.

Portanto, quando se julga os servos de Cristo, tenha-se em mente que isto deve ser considerado: se eles buscam ou não a paz e a concórdia, se eles se comportam pacificamente, se eles evitam tanto quanto possível as contendas em seu poder, porque entendem esta paz como um vínculo que é a verdade de Deus. Pois se formos chamados a contender contra as doutrinas ímpias, mesmo que a terra e o céu se confundam, devemos, não obstante, perseverar na disputa. Pois a paz, cujo emblema é a rebelião contra Deus, é amaldiçoada, e a luta necessária para defender o reino de Cristo é abençoada. “Como em todas as igrejas dos santos”. A maioria dos tradutores separa os versículos 33a e 33b porque a primeira parte deste versículo é uma declaração completa e adicionar a segunda parte parece incongruente. Os tradutores geralmente consideram o versículo 33b como a parte introdutória da primeira frase do versículo 34. Admite-se que a repetição da frase nas igrejas tira um pouco da elegância estilística do autor. No entanto, a expressão igrejas reflete nuances: a primeira ocorrência é uma referência às igrejas em geral, e a segunda, aos cultos. E, inversamente, o versículo 33b não é o único lugar em suas epístolas onde Paulo mostra falta de estilo exemplar. Achamos que ele não está preocupado com elegância, e sim fornecer às igrejas regras para fortalecer a unidade e a harmonia.

Kistemaker diz:

Para resolver as dificuldades que há com esse texto, precisamos fazer como fizemos com outras passagens: considerar a estrutura, o contexto mais amplo e, antes de tudo, os temas ou princípios que Paulo explicou. No versículo 29 Paulo aconselhou os coríntios a “deixarem que dois ou três profetas falem e que os outros façam o julgamento” – usando assim o versículo como título para os versículos 30–33a. Nesses versículos ele explica o versículo 29 e esboça regras de conduta que promovem o culto ordeiro. Ele também especifica como as profecias devem ser avaliadas. De forma paralela, e implicitamente sob o título do versículo 29b, Paulo continua com regras de conduta, estas relacionadas especificamente às mulheres. Como os versículos 30–33a afirmam que outros fazem julgamento das mensagens dos profetas, assim os versículos 33b–35 impedem as mulheres de julgar os homens. Em razão disso, o apóstolo apela para a Lei (KISTEMAKER, p. 630).

Por fim, a comparação se refere não apenas à primeira parte deste versículo, mas a tudo o que o apóstolo descreveu acima. É como se ele quisesse dizer: “Ainda não apresentei nenhuma diretriz para você que não seja seguida em todas as igrejas, e é por isso que as mesmas igrejas estão qualificadas para permanecer juntas e em

paz. Você deve, portanto, tomar para si o que outras igrejas descobriram por experiência, em busca de seu bem-estar, e o que é mais valioso para a preservação da paz. Ele faz menção particular aos santos como forma de ênfase, como se pretendesse livrar todas as igrejas devidamente organizadas de algum estigma de infortúnio.

Foi feito acima uma análise e comentários acerca dos versículos propostos. A partir deste ponto, buscar-se-á a compreensão do propósito do dom de línguas e profecia no culto em Corinto.

3.3. O DOM DE LÍNGUAS EM CORINTO

Nesta parte do trabalho será exposto o propósito do dom de línguas no culto em Corinto. Para isso será utilizado alguns pontos levantado pelo Vilela em sua pesquisa de mestrado. Nela ele mostra pontos que são levantados como objeções acerca do propósito das línguas em Corinto e busca as responder a luz da Bíblia e de autores que são especialistas sobre o assunto.

3.3.1. Qual era o propósito das línguas na igreja de Corinto?

Segundo Vilela, uma interpretação comum do propósito das línguas é que elas seriam um sinal. Em 1 Coríntios 14:22, Paulo fala que as línguas é sinal para os incrédulos. Os estudiosos que interpretam as línguas de corinto a partir de At 2 tendem a vê-la como um sinal evangelístico. Esse é o problema com esta interpretação. a) Em 1Co 14:23 deixa claro que as línguas têm um efeito ruim sobre os incrédulos; b) Ele enfatizou a importância do dom de interpretação para o benefício dos crentes. c) Em Atos, as línguas não são realmente evangelísticas. Em Atos 2, a pregação de Pedro transmitiu o evangelho e não foi em línguas. Além disso, em outros casos (At 10.26; 19.6) em que as línguas ocorrem, não é sugerido que as línguas sejam compreendidas por um estrangeiro presente, muito menos que tenham uma função missionária. Vilela acrescenta:

Há também os que veem as línguas como sendo basicamente um sinal negativo contra os incrédulos. Essa interpretação resolve as dificuldades a) e c), mas não resolve a b). Além disso, cria uma quarta dificuldade: Paulo nunca diz que as línguas sejam basicamente um sinal contra incrédulos, mas que elas funcionam dessa forma mal utilizada VILELA, 2003, p.39).

No entendimento de muitos pentecostais, as línguas seriam a evidência normativa inicial³⁰ do recebimento do Espírito Santo, geralmente baseado em Atos 2:4. Esta passagem, no entanto, relata uma experiência singular, que nem sequer é semelhante às outras ocorrências de glossolalia como em: Mc 16, 1Co 12-14 e mesmo a outras ocorrências em Atos. Citando o Turner, Vilela diz:

A ideia de uma “evidência inicial” está ligada à teologia da “segunda bênção”, o batismo no Espírito como *donum supperaditum*. Não há, no entanto, traços dessa teologia em Paulo, e para Lucas o dom do Espírito sempre surge com conotações soteriologias, indicando que ele não pode ser um *donum supperaditum* (VILELA, 2003, p. 39).

Como todos os outros dons, a glossolalia também tem o propósito de edificar a igreja. Paulo afirma que glossólalo fala "mistérios" e propõe glossolalia com uma explicação para a edificação da igreja.

Sobre a ideia de “auto edificação”, será utilizado um levantamento feito pelo Vilela, para que se possa elencar e responder tais questionamentos feitos por diversos autores (VILELA, p. 40,41). Para que se torne mais claro, será utilizado um quadro com as respectivas divisões que constatarão as objeções e respostas.

Objeções	Respostas
Em 1Co 14.5 Paulo não está lidando com a vida devocional individual dos crentes, mas do culto. Lopes pensa que fosse a intenção de Paulo determinar o uso privado da glossolalia, ele teria feito explicitamente.	Paulo não discutiu explicitamente o uso privado dos dons justamente porque esse não era seu objetivo principal no texto; mas isso não significa que ele não tinha intenção de dizer o que de fato disse, mesmo que de passagem. É um erro atribuir autoridade apenas ao ponto principal do argumento de Paulo ignorando convenientemente os pontos secundários que fazem parte do argumento.

³⁰ Segundo Gary McGee, [...] a maioria dos pentecostais desde Charles E. Parham até contemporâneos como Stanley M. Horton, L. Arrington e Jimmy Hall apelaram sem hesitação ao padrão dos fenômenos glossolálicos para provar a validade do argumento de que línguas são a evidência inicial do batismo no Espírito [...] (MCGEE, 2019, p. 132).

<p>Como a edificação, no conceito de Paulo, ocorre quando os dons são utilizados para o proveito comum (1Co 12.7), as línguas não podem ter uma função privada; em 14.5, quando Paulo diz que o que fala em línguas “a si mesmo se edifica”, temos na verdade uma ironia.</p>	<p>Lopes erra ao supor que as línguas devam ter uma única função. Ele mesmo diz, que o propósito principal das línguas é ser um sinal de juízo sobre os incrédulos, o que de qualquer modo, já foi visto ser um engano. A verdade é que 1Co 14.22 não pode ser usado para afirmar que a única função do dom de línguas é a edificação do grupo com a interpretação. Em At 2.4-11 as línguas têm outra função, e em 1Co 14.20-22 é evidente que uma das funções das línguas não tem nada a ver com a “edificação comum”. De qualquer modo, a igreja também é edificada indiretamente quando alguém fala em línguas e é edificado individualmente, e qualquer um que usa determinado dom para edificar o grupo naturalmente também edifica a si mesmo indiretamente. Não se tem ironia no respectivo texto.</p>
<p>Um dom de “auto edificação” seria autocentrado e egoísta.</p>	<p>Se um dom para a devoção privada for egoísta, toda e qualquer prática devocional privada deveria ser considerada autocentrada e egoísta, o que é ilógico. Mas se o dom de línguas serve para orar e adorar a Deus, como é o caso (1Co 14.14-17), ele nada tem de “autocentrado” ou egoísta.</p>
<p>Se o propósito das línguas é a auto-edificação, para que um dom de interpretação?</p>	<p>O dom de línguas não precisa ter uma única função. A interpretação tem a</p>

	finalidade de tornar o benefício apenas pessoal num benefício para todos.
Paulo desencoraja a oração em línguas e recomenda o uso da mente.	Paulo de fato não desencoraja as línguas; antes, encoraja sua interpretação para o uso público.
Se Paulo diz em 14.5 que a igreja não é edificada quando ouve as línguas sem entender, ele não pode estar dizendo em 14.4 que o glossólalo é edificado quando fala em línguas sem entender.	Na verdade, o que Packer nega é exatamente o que Paulo diz de forma explícita em 14.14 e 17. Quem precisa entender para ser edificado é o ouvinte, não aquele que ora.

Ainda relacionado ao assunto acima, três informações importantes podem ser acrescentadas, segundo Vilela:

- em 1 Coríntios 14:28 Paulo diz que se alguém fala em línguas na igreja e não há quem intérprete, a pessoa deve ficar calado. na igreja "fale consigo mesmo e com Deus". Visto que é improvável que Paulo tenha aconselhado o uso privado das línguas na comunidade durante a ministração de outro, isso parece ser uma orientação positiva para o uso privado das línguas.
- O próprio Paulo assume que fala em línguas mais do que todos os coríntios juntos (14.18). O fato de Paulo falar em línguas em particular é indicado por sua declaração no versículo 19 de que na igreja ele prefere falar cinco palavras de forma inteligível. Portanto, é claro que sua prática glossolálica não estava na igreja.
- Fee apresenta uma reflexão teológica mais positiva sobre a glossolalia. Olhando para Rm 8:26,27, ele chegou à conclusão de que, ao falar de "gemidos inexprimíveis", Paulo está se referindo principalmente à glossolalia. A conclusão é que o que Paulo diz ali sobre "oração no Espírito" se aplica diretamente a outra forma de "oração no Espírito" sobre a qual ele fala em 1 Coríntios 14: glossolalia. Ele basicamente diz que ao orar no Espírito, ele nos ajuda a orar de uma maneira que está além de nossa compreensão, e nossa incapacidade espiritual é superada (VILELA, 2003, p. 41). Por fim, Vilela citando Fee, diz:

Fee argumenta que a glossolalia é um recurso para o entre tempos, que não consiste propriamente de um sinal escatológico, mas de um sinal de que a consumação ainda não ocorreu, e que nós somos ainda fracos. Assim o que ora em línguas o faz numa posição de fraqueza e dependência de Deus (VILELA, 2003, p. 41).

3.4. O DOM DE PROFECIA EM CORINTO

Esta parte buscará trazer o propósito do dom de profecia no culto em Corinto e a sua utilização no culto mediante a orientação do apóstolo Paulo.

3.4.1. Qual era o propósito da profecia na igreja de Corinto?

O dom de profecia como sugere Horton:

Refere-se a várias mensagens espontâneas, inspiradas pelo Espírito Santo, numa língua conhecida a quem fala 'para edificação, (especialmente na fé), exortação (especialmente para avançar na fidelidade) e consolação (que anima e revivifica a esperança e a expectativa 1Co 14.3'. (HORTON, 1996, p. 475).

Por meio desse dom, o Espírito ilumina o progresso do Reino de Deus, revela os segredos dos corações humano e submete o pecado para condenação (1Co 14,25). Um exemplo típico é Atos 15.32: "Judas e Silas, que também eram profetas, exortaram e confirmaram os irmãos com muitas palavras".

Horton afirma: "Aqueles regularmente usados com o dom da profecia eram chamados profetas" (HORTON, 1996, p. 475). Todavia, qualquer crente pode exercer este dom, porém aquilo que é proferido deve ser cuidadosamente analisado pelos demais, pois todos tem que ser beneficiados, como já mencionamos acima no trabalho (DUNN, 2003, p. 656).

Contribuindo acerca do propósito do dom de profecia, Rodman Williams diz:

A profecia, portanto, não é destrutiva no tom ou em sua maneira; ela é para edificar e não para arrasar. A profecia é uma mensagem edificadora que fortalece as pessoas na sua fé e vida. A profecia também pode ser uma palavra de encorajamento. Nesse sentido, pode conter uma repreensão sobre certas atividades e uma exortação para agir no futuro de um modo apropriado. Por conseguinte, há também uma nota de encorajamento. A profecia pode ainda servir para consolação e conforto. Onde há dor e sofrimento ou necessidade de uma palavra consoladora, uma profecia pode apresentar uma mensagem inspiradora que traz conforto e consolação... WILLIAMS, 2011, p. 694).

Vilela discorrendo em seu texto, utiliza-se de falas do Max Turner para reafirmar que para além do que fora mencionado acima, não se pode concluir daí que tal propósito seja uma marca singular do dom de profecia, pois existem outros dons que alcançam tais fins, com exemplo do próprio ensino. Vilela diz:

Turner destaca que o verso 1Co 14.3, nem mesmo representa uma condição necessária para a identificação de uma profecia. At 21.11, por exemplo, relata uma profecia que não cumpre 1Co14.3. Assim o nosso verso apenas nos informa que a profecia tem mais funções juntamente com outros dons, e que geralmente realiza tais funções (VILELA, 2003, p. 49).

Ainda seguindo o pensamento do Turner, Vilela diz que ele acreditava em uma variação da função da profecia mediante o tipo de oraculo profético, como seria no caso do Antigo Testamento. Seria necessário um estudo aprofundado das formas proféticas no NT para que se pudesse ter conclusões mais assertivas, todavia, não é necessário para diferenciar a função única da profecia, que aparentemente Turner perde em sua discussão, pois segundo Vilela:

O propósito singular da profecia procede daquilo que a distingue dos outros dons, não dos seus efeitos. E o que a distingue é justamente a revelação divina pela qual o profeta é capacitado a falar às necessidades do momento quando a congregação está reunida. Paulo fornece uma informação clara da função da profecia no culto, em 1Co 14.20-25, ao mostrar que ela produz um sinal indubitável da presença de Deus na igreja quando leva indivíduos a Deus pela revelação dos segredos dos seus corações (VILELA, 2003, p. 49).

Por fim, no caso específico de Corinto, Paulo sujeita os profetas a si mesmo, e em nenhum momento ele sugere que os dons de dar mensagens tenham alguma importância na formação das estruturas teológicas da igreja. Paulo, por outro lado, nega que a "palavra de Deus" tenha vindo dos coríntios (1Co 14.36). Assim, não há evidência suficiente de que o conteúdo da profecia de Corinto incluía a transmissão de conhecimento teológico infalível. A profecia é reveladora, mas não é necessariamente de caráter teológico³¹, nem necessariamente envolve interpretações inspiradas da obra redentora de Deus em Cristo.

³¹ [...] o problema histórico que se nos apresenta, no entanto, é que não existe evidência no NT de que profetas de alto nível tenham tido o papel central na construção da "teologia do NT" por meio de revelações autoritativas. Temos todos os indícios de que os Apóstolos tiveram tal função, mas nenhum com respeito aos profetas. A não ser que acreditemos em algo como grupos de profetas-teólogos operando em sujeição aos apóstolos e contribuindo para a igreja sob sua égide. Nesse caso, há de fato figuras que poderiam preencher tal função, como Silas, Timóteo, Epafras, o próprio Lucas, e outros. Se admitirmos essa hipótese, ainda assim não se pode argumentar que a revelação do mistério do evangelho seja uma característica necessária ao dom de profecia. O autor de Efésios não quer dizer que todo profeta tem função fundacional na igreja. Examinando o texto de perto, fica claro que não é a

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo responder duas questões. A primeira: Paulo estava prescrevendo uma solução pontual da ordem de culto público em Corinto, no que diz respeito a utilização dos dons, visando uma orientação mais pública destinada à edificação da igreja?

Paulo defende a ideia de que cada parte do culto deve fortalecer os membros da igreja, ou seja, quando a congregação se reúne para adoração, o princípio do amor deve ser aplicado e evidenciado. Se este princípio estiver ausente, a adoração em si é inútil aos olhos de Deus. Ele quer evitar qualquer influência negativa que o dom de falar em línguas e o dom de profecia, naquele ambiente de culto, possa ter na tarefa edificadora e evangelizadora da igreja. Assim, ele regulamenta o exercício dos dons para preservar a ordem litúrgica do culto, refreando os membros da congregação de Corinto ao dizer que cada um pode usar os seus dons, porém cada um por sua vez e nada mais.

A segunda: Qual seria o propósito dos dons de língua e de profecia no culto em Corinto?

Como todos os outros dons, a glossolalia também tem o propósito de edificar a igreja. Paulo afirma que glossólalo fala "mistérios" e propõe glossolalia acompanhada de interpretação para a edificação da igreja 1Co 14.5. Mas além disso, 1 Co14 nos dá evidência de que Paulo considerava as línguas um auxílio à devoção privada. Essa ideia é reforçada pelo Gordon Fee, quando diz:

Fee argumenta que a glossolalia é um recurso para o entre tempos, que não consiste propriamente de um sinal escatológico, mas de um sinal de que a consumação ainda não ocorreu, e que nós somos ainda fracos. Assim o que ora em línguas o faz numa posição de fraqueza e dependência de Deus (VILELA,2003, p. 41).

Com relação ao dom de profecia, o seu propósito em 1Co 14.3, é a edificação, a exortação e a consolação. O princípio básico da profecia tem origem naquilo que a

intenção do autor discutir a autoridade ou o funcionamento normal do dom de profecia, mas sim relatar um fato histórico singular, que foi a revelação do mistério do evangelho por meio de certos apóstolos e profetas, e o fato de que tal mistério tenha sido revelado, e o fundamento tenha já sido lançado é que conclui tal tarefa fundacional. Os próprios apóstolos e profetas que tiveram essa função se tornaram o fundamento, tornando esse fato singular e definitivo. Assim, no máximo, podemos conceder que alguns profetas estabelecidos tenham contribuído para a formação das normas e tradições fundamentais da igreja; mas isso certamente não foi a regra para todos os profetas da época e muito menos para todos os profetas posteriormente (2003, Pág. 48-49).

diferencia dos outros dons, não de seus efeitos, e o que a faz diferente é justamente a revelação divina, pela qual “... o profeta é capacitado a falar às necessidades específicas do momento quando a congregação está reunida” (2003, p. 49). Paulo fornece uma explicação clara da profecia no culto, em 1Co 14.20-25, ao mostrar que ela produz um sinal grandioso da presença de Deus no meio da igreja quando leva indivíduos a Deus pela revelação dos segredos de seus corações.

Esta pesquisa é relevante para as comunidades evangélicas no presente século. Tendo em vista a polarização entre “tradicionais” e “renovados” em termos de dons espirituais que caracterizam a igreja evangélica brasileira e os debates acerca do assunto, pois, não há consenso sobre a natureza dos dons e seu uso adequado em contextos litúrgicos. É possível encontrar todo tipo de abuso relacionado aos *charismatas* em um ambiente carismático. Com isso, existe uma necessidade urgente de buscar-se elementos teológicos e exegéticos que conduzam os líderes a tomarem decisões pastorais e eclesiais corretas, acerca da utilização dos dons no culto.

Em geral, essas discussões levam à conclusão de que o problema da compreensão de 1Coríntios e mais particularmente de 1Co 14.26-33a ainda está em aberto, merecendo contribuições acadêmicas. A exemplo de: Quais as contribuições que os escritos extrabíblicos do período Interbíblico podem trazer para a pesquisa acerca da compreensão do culto cristão e dos dons de língua e profecia? Quais as contribuições dos escritores e líderes da igreja do segundo século para o culto contemporâneo? Como se dar historicamente a construção do culto cristão contemporâneo?

Finalmente, o conselho de Paulo é: faça tudo com decência e ordem, “pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz” (1Co 14.33).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Espinoza, “*Early Church Worship*”, ed. John D. Barry, *Dicionário Bíblico Lexham* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020).

BÍBLIA SAGRADA, *Almeida Revista e Atualizada* (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993).

BÍBLIA SAGRADA, *Nova Versão Internacional* (São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

BORTOLINI, José. *Como Ler A Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2008

BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

CALVINO, João. *1Coríntios: série de comentários bíblicos*. 1 ed. São José dos Campos: Fiel Editora, 2013.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo: Volume 4: 1Coríntios, 2Coríntios, Gálatas, Efésios*. São Paulo: Hagnos, 2014.

COUTO, Vinicius. *Culto cristão – Origens, desenvolvimento & Desafios Contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

CHRISTOPH, Hans S. *Lauber et al. Manual de ciência litúrgica*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdade EST, 2011.

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

Padres Apostólicos. *Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaquê*. 1 ed. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. 1 ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2019.

FRAME, John. “O Cânon”, in Sumário de Teologia Lexham, ed. Brannon Ellis, Mark Ward, e Jessica Parks (Bellingham, WA: Lexham Press, 2018).

EICHRODT, W. *Theology of The Old Testament, Vol 1, The Westminster Press, Philadelphia*, 1961, p. 98 e 161.

Extraído da página freebiblecommentary – *Tópico especial: A cidade de Corinto* – disponível em: http://www.freebiblecommentary.org/special_topics/por/A_CIDADE_DE_CORINTO.html, acesso em 17/04/2022 - Cunhado por Aristófanos 450-385 a.C., era sinônimo para viver dissoluto, desenfreado.

HORTON, Stanley M. *1 e 2Coríntios: os problemas da Igreja e suas soluções*. 7. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Justino de Roma. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. 2 ed. Editora Paulus: São Paulo, 2014.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

KISTERMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MACHADO, Jonas e NOGUEIRA, Sebastiana. *Lendo as cartas aos coríntios: unidade, diversidade e autoridade apostólica na comunidade cristã*. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2021.

MANGUM, Douglas. "Passover". ed. John D. Barry, *Dicionário Bíblico Lexham*. (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020).

MARTIN, Ralph P. *Adoração na igreja primitiva*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1964.

MCGEE, Gary B. *Evidência inicial: perspectiva histórica e Bíblica sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito*. 2. ed. Natal: Carisma, 2019.

MENDES, Simone Rezende da Penha. *Paulo e a Ekklesia de Corinto: conflitos sociais e disputas de autoridade no período paleocristão*. Dissertação. 182 f. (Mestrado) -

Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Centro de Ciências Humanas e naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. p. 116. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4768_.pdf>. Acesso em: 07/05/2022.

MERRIL, Tenney C. *Enciclopédia da Bíblia/Vários autores*. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

MORRIS, Leon. *1Coríntios: introdução e comentário*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1981.

PARÓQUIA SANTA CRUZ. *Estudo Bíblico da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. A comunidade: o retrato de Deus nos rostos humanos*. Disponível em: <<http://www.parsantacruz.org.br/estudo-biblico-primeira-carta-de-paulo-aos-corintios-a-comunidade-o-retrato-de-deus-nos-rostos-humanos/>>. Acesso em: 07/05/2022.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural Do Novo Testamento*. 7. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012.

UBS5 *Greek New Testament, Reader's Edition, Burgundy: A Reader's Edition*

VILELA, Guilherme Ribeiro de C. *Profecia, línguas e elitismo carismático: Uma exegese de 1 Coríntios 14.1-40*. Dissertação (Mestre em Teologia) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo. São Paulo, 2003.

WILLIAMS, Rodman J. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1 ed. São Paulo: Vida, 2011.